

CAPÍTULO I

Um pequeno e alegre impulso elétrico assobiado pelo alarme automático do órgão de estado de espírito ao lado da sua cama acordou Rick Deckard. Surpreendido — ficava sempre surpreendido por se achar acordado sem aviso prévio —, levantou-se da cama, ergueu-se no seu pijama variegado e espreguiçou-se. Nesse momento, na cama, a sua mulher, Iran, abriu os olhos cinzentos e infelizes, pestanejou, depois resmungou e fechou-os novamente.

— Puseste o teu *Penfield* demasiado fraco — disse-lhe ele. — Eu volto a ligá-lo, e tu vais acordar e...

— Não mexas nas minhas configurações. — A sua voz deixava transparecer uma dureza amarga. — Não *quero* ser acordada.

Ele sentou-se a seu lado, curvou-se sobre ela e explicou suavemente:

— Se puseres o impulso suficientemente forte, ficarás satisfeita por acordares; é essa a questão. A configuração *C* vence o limiar que barra a consciência, como acontece comigo.

Amigavelmente, porque se sentia bem disposto para com o mundo — a *sua* configuração estivera em *D* —, deu-lhe palmadinhas no ombro nu e pálido.

— Afasta a tua rude mão de chui — disse Iran.

— Não sou um chui. — Sentia-se irritado agora, apesar de não ter sido configurado para isso.

— És pior — disse a mulher, com os olhos ainda fechados. — És um assassino contratado pelos chuis.

— Nunca matei um ser humano na minha vida. — A sua irritabilidade aumentara; tornara-se hostilidade.

— Apenas aqueles pobres andróides — disse Iran.

— No entanto, noto que nunca hesitaste em gastar o dinheiro do prémio que trago para casa em qualquer coisa que atraia a tua atenção. — Levantou-se e encaminhou-se para a consola do seu órgão de estado de espírito. — Em vez de poupar — disse ele —, para que pudéssemos comprar um verdadeiro carneiro para substituir aquela fraude eléctrica lá em cima. Um simples animal eléctrico, e eu a ganhar tudo aquilo para que me esforcei todos estes anos. — Na sua consola, hesitou entre marcar para um anulador talâmico (que aboliria o seu estado de espírito de raiva) ou um estimulante talâmico (que o tornaria suficientemente irritado para vencer a discussão).

— Se marcares — disse Iran, com os olhos abertos e a observar — para um rancor maior, então vou marcar o mesmo. Marcarei o máximo, e assistirás a uma luta que vai fazer que todas as discussões que tivemos até agora pareçam uma brincadeira. Marca e verás; experimenta-me. — Levantou-se rapidamente, encaminhou-se para a consola do seu próprio órgão de estado de espírito e ficou de pé a olhá-lo, à espera.

Ele suspirou, derrotado pela ameaça dela.

— Vou marcar o que está no meu programa para hoje. — Examinando o programa para 3 de janeiro de 1992, viu que ele requeria uma atitude profissional de negócios. — Se eu marcar de acordo com o programa — disse cautelosamente —, concordarás com ele também? — Esperou, suficientemente sagaz para não se comprometer, até a sua mulher ter concordado em seguir o exemplo.

— O meu programa para hoje regista uma depressão autoacusatória de seis horas — disse Iran.

— O quê? Por que razão marcaste isso? — Isto anulava todo o objetivo do órgão de estado de espírito. — Eu nem sabia que o podias configurar assim — disse sombriamente.

— Uma tarde eu estava aqui sentada — disse Iran — e naturalmente estava a ver o Amigável Buster e Seus Amigos Amigáveis, e ele estava a falar de uma grande notícia que ia revelar de seguida,

e então aquele anúncio horrível apareceu, aquele que eu odeio; tu sabes, sobre as proteções de chumbo *Mountibank*. E por isso, durante um minuto, cortei o som. E ouvi o edifício, este edifício; eu ouvi-o... — Fez um gesto.

— Apartamentos vazios — disse Rick. Por vezes, ouvia-os à noite, quando imaginava estar a dormir. E no entanto, para a época, um condomínio de apartamentos meio ocupado era muito valorizado em relação à densidade da população; lá fora, no que fora, antes da guerra, os subúrbios, era possível encontrar-se edifícios completamente vazios... ou pelo menos assim ouvira dizer. Deixara que a informação continuasse a ser em segunda mão; como a maioria das pessoas, não se preocupava em experimentá-la diretamente.

— Nesse momento — disse Iran —, quando tinha o som da televisão desligado, eu estava num estado de espírito 382. Acabara de o marcar. Por isso, embora ouvisse intelectualmente o vazio, não o sentia. A minha primeira reação consistiu em me sentir grata por podermos ter um órgão de estado de espírito *Penfield*. Mas então compreendi quão doentio era sentir a ausência da vida, não apenas neste edifício, mas também em toda a parte, e não reagir... compreendes? Creio que não. Mas isso costumava ser considerado um sinal de doença mental; chamavam-lhe «ausência de sentimento apropriado». Deixei o som da televisão desligado e sentei-me ao meu órgão de estado de espírito a fazer experiências. E finalmente encontrei uma configuração para desespero. — O seu rosto escuro e inteligente mostrava satisfação, como se ela tivesse alcançado algo de valor. — Então pu-lo no meu programa para duas vezes por mês; creio que é um período de tempo razoável para me sentir desesperada sobre todas as coisas, sobre estar aqui na Terra depois de toda a gente que é esperta ter emigrado, não achas?

— Mas um estado de espírito desses — disse Rick —, terás tendência para te maneres nele e não para marcar a tua saída dele. Esse tipo de desespero, sobre toda a realidade, é autopetruante.

— Eu programo uma reconfiguração automática para três horas mais tarde — disse a mulher lisonjeiramente. — Um 481. Uma consciência das várias possibilidades que me estão abertas no futuro; uma nova esperança que...

— Conheço o 481 — interrompeu ele. Marcara a combinação muitas vezes; tinha grande confiança nele. — Escuta — disse, sentando-se na cama e agarrando-lhe nas mãos para a fazer sentar-se a seu lado —, mesmo com uma interrupção automática, é perigoso submeteres-te a uma depressão, de qualquer espécie. Esquece o que programaste, e eu esquecerei o que programei; vamos marcar juntos um 104 e vamos ambos experienciá-lo, e depois tu ficas nele enquanto eu volto a configurar o meu para a minha habitual atitude de negócios. Dessa maneira, vou subir ao terraço e verificar o carneiro e depois dirigir-me ao escritório; entretanto, saberei que não estás sentada aqui a pensar, sem ver televisão. — Desprendeu os seus longos dedos magros e atravessou a espaçosa divisão para a sala de estar, que cheirava vagamente aos cigarros da última noite. Ali, curvou-se para ligar a televisão.

Do quarto veio a voz de Iran:

— Não consigo suportar a televisão antes do pequeno-almoço.

— Marca 888 — disse Rick enquanto o aparelho aquecia. — O desejo de ver televisão, independentemente do que estiver a dar.

— Não me apetece marcar absolutamente nada agora — disse Iran.

— Então marca 3 — disse ele.

— Não posso marcar uma configuração que estimula o meu córtice cerebral para querer marcar! Se não quero marcar, é principalmente esse que não quero marcar, porque então vou querer marcar, e querer marcar é neste momento o esforço mais estranho que consigo imaginar; apenas quero ficar sentada aqui na cama e fixar o chão. — A sua voz tornara-se aguda, com sons de lassidão, à medida que a sua alma se congelava e ela deixava de se mover, enquanto a camada instintiva e omnipresente de grande peso, de uma inércia quase absoluta, se fixava sobre ela.

Ele levantou o som da televisão, e a voz do Amigável Buster ressoou e encheu a sala: «... viva, pessoal. É a hora de transmitir uma breve informação meteorológica para hoje. O satélite Mongoose comunica que poeiras radioativas serão especialmente pronunciadas por volta do meio-dia e depois desaparecerão, por isso, pessoal, todos os que se aventurarem a sair...»

Aparecendo ao lado dele, a sua comprida camisa de dormir a rasar o chão, Iran desligou o aparelho de televisão.

— Está bem, desisto; vou marcar. Qualquer coisa que queiras que eu faça; felicidade sexual extática... sinto-me tão mal que tolerarei mesmo isso. Que diabo. Que diferença faz?

— Vou marcar para nós dois — disse Rick, e levou-a de novo para o quarto. Ali, na consola dela, ele marcou 594: reconhecimento satisfeito da sabedoria superior do marido em todos os assuntos. Na sua própria consola, marcou para conseguir uma atitude criativa e fresca para o seu trabalho, embora dificilmente necessitasse disso, tal era a sua atitude habitual e inata, sem recurso à estimulação artificial do cérebro do *Penfield*.

Após um pequeno-almoço apressado — perdera tempo devido à discussão com a mulher —, subiu vestido para se aventurar a sair, inclusive o seu modelo Ajax da proteção de chumbo *Mountibank*, para a pastagem no terraço coberto onde o seu carneiro elétrico «pastava», e no qual ele, máquina sofisticada que era, mastigava num contentamento simulado, mistificando os outros locatários do edifício.

É certo que alguns dos animais deles consistiam também, indubitavelmente, em simulacros de circuitos elétricos; é certo que ele nunca se meteu nesse assunto mais do que eles, os seus vizinhos, se tinham intrometido no verdadeiro funcionamento do seu carneiro. Nada podia ser mais indelicado. Dizer «Os seus carneiros são genuínos?» seria uma falta de educação pior do que perguntar se os dentes, cabelo ou órgãos internos de um cidadão provariam em teste ser autênticos.

O ar matinal, cheio de partículas radioativas, e com o sol cinzento e enevoadado, espalhava-se à sua volta, infestando o seu nariz; involuntariamente, aspirou a infeção da morte. «Bem, essa era uma descrição demasiado forte», pensou enquanto se dirigia para o local particular de relva que possuía juntamente com o apartamento excessivamente grande por baixo. O legado do Termo da Guerra Mundial diminuía em potência; aqueles que não conseguiam sobreviver ao pó tinham caído no esquecimento anos antes, e o pó, mais fraco